

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANA PAULA COCCO BASTOS

**O RECOMEÇAR DO NOVO COMEÇO EM *COM ARMAS SONOLENTAS,*
*DE CAROLA SAAVEDRA***

Jaguarão

2021

ANA PAULA COCCO BASTOS

**O RECOMEÇAR DO NOVO COMEÇO EM *COM ARMAS SONOLENTAS,*
*DE CAROLA SAAVEDRA***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras –
Português / Literatura – EAD da
Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Abreu
Jardim

Jaguarão

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

B337r Bastos, Ana Paula Cocco Bastos

O recomeçar do novo começo em *Com Armas Sonolentas, de Carola Saavedra* / Ana Paula Cocco Bastos.

33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.
"Orientação: Luciana Abreu Jardim".

1. Maternidade. 2. Novo começo. 3. Literatura Feminina. I. Título.

ANA PAULA COCCO BASTOS

**O RECOMEÇAR DO NOVO COMEÇO EM COM ARMAS SONOLENTAS, DE
CAROLA SAAVEDRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras –
Português/Literatura - EAD da
Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciatura
em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 07/05/2021.

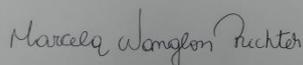
Banca examinadora:



Prof^a. Dr^a. Luciana Abreu Jardim

Orientador

(UNIPAMPA)



Prof^a. Dr^a. Marcela Wanglon Richter

(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Antônio Mousquer

(FURG)

Dedico este trabalho a minha filha Anna
Vitória Bastos Peronio.

AGRADECIMENTO

A Prof. Dr. Luciana Abreu Jardim, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com sabedoria, dedicação, exigência, afeto e respeito.

Aos professores do curso de Letras- Português/Literatura – EAD, da UNIPAMPA, pelos ensinamentos que guiaram o meu aprendizado e formação profissional, em especial a professora Camila dos Santos Canto que fez florescer em mim a paixão pelas palavras e as professoras Marcela Wanglton Richter e Luciana Abreu Jardim que me presentearam com o nascimento do meu segundo amor á literatura.

A todos os colegas de curso pela troca de experiências, pela amizade e pelos desafios superados vocês tornaram a caminhada acadêmica suave e afetuosa.

A minha filha Anna Vitória, que me proporcionou carinho, força, coragem e inspiração para desenvolver o artigo e conseguir concluir o curso.

Ao meu esposo, aos amigos e a família, que sempre estiveram ao meu lado e compreenderam os momentos de ausência.

“Eu não sei o livro, o livro é que me sabe.”

Carola Saavedra

RESUMO

O presente artigo apresenta a possibilidade de considerar um novo começo no romance *Com Armas Sonolentas*, de Carola Saavedra. Busca-se contribuir para a fortuna crítica da obra e promover discussão, em âmbito nacional, para o tema da maternidade na sua perspectiva literária, trazendo para a temática a maternidade e o novo começo proposto pela autora Hannah Arendt. A metodologia utilizada consiste na escrita do artigo científico com abordagem qualitativa de cunho explicativo, a partir da pesquisa bibliográfica, na análise do romance de Carola Saavedra, *Com Armas Sonolentas*. A pesquisa situa-se a partir do tema maternidade, com base na obra de Hannah Arendt, *Condição Humana*, de forma a apresentar a perspectiva do novo começo, além de revisão de literatura com autores que abordam as temáticas das autoras supracitadas. Nesse sentido, sustenta-se que literatura alia-se à ação e a possibilidade do recomeço, através dela podemos ouvir, dialogar e refletir sobre as questões do feminino, sobre o corpo, sobre a maternidade e sobre a relação mãe e filha. Desta forma, o recomeço devolve às mulheres a própria voz, a identidade, o poder de luta e a visibilidade as questões femininas, incluindo a maternidade e seus questionamentos.

Palavras-chaves: Maternidade. Novo Começo. Literatura Feminina.

ABSTRACT

This article presents the possibility of considering a new beginning in the novel *Com Armas Sonolentas*, by Carola Saavedra. It seeks to contribute to the critical fortune of the work and to promote discussion, on a national level, on the theme of motherhood in its literary perspective, bringing maternity and the new beginning proposed by the author Hannah Arendt to the theme. The methodology used consists of writing the scientific article with a qualitative approach of an explanatory nature, based on bibliographic research, in the analysis of the novel by Carola Saavedra, *Com Armas Sonolentas*. The research is based on the theme of motherhood, based on the work of Hannah Arendt, *Human Condition*, in order to present the perspective of the new beginning, in addition to a literature review with authors who address the themes of the aforementioned authors. In this sense, it is maintained that literature is combined with action and the possibility of a new beginning, through it we can listen, dialogue and reflect on the issues of the feminine, on the body, on motherhood and on the mother and daughter relationship. In this way, the restart gives women their own voice, identity, fighting power and visibility to women's issues, including motherhood and its questions.

Keywords: Maternity. New Beginning. Female Literature.

SUMÁRIO

RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	11
1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO....	14
2.1 Considerações sobre o novo começo	14
2.2 Novo começo em "Com Armas Sonolentas"	20
2.3 Recomeço... ..	25
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
4 REFERÊNCIAS.....	33

O recomeçar do novo começo em “Com Armas Sonolentas, de Carola Saavedra”

Ana Paula Cocco Bastos

RESUMO

O presente artigo apresenta a possibilidade de considerar um novo começo no romance *Com Armas Sonolentas*, de Carola Saavedra. Busca-se contribuir para a fortuna crítica da obra e promover discussão, em âmbito nacional, para o tema da maternidade na sua perspectiva literária, trazendo para a temática a maternidade e o novo começo proposto pela autora Hannah Arendt. A metodologia utilizada consiste na escrita do artigo científico com abordagem qualitativa de cunho explicativo, a partir da pesquisa bibliográfica, na análise do romance de Carola Saavedra, *Com Armas Sonolentas*. A pesquisa situa-se a partir do tema maternidade, com base na obra de Hannah Arendt, *Condição Humana*, de forma a apresentar a perspectiva do novo começo, além de revisão de literatura com autores que abordam as temáticas das autoras supracitadas. Nesse sentido, sustenta-se que literatura alia-se à ação e a possibilidade do recomeço, através dela podemos ouvir, dialogar e refletir sobre as questões do feminino, sobre o corpo, sobre a maternidade e sobre a relação mãe e filha. Desta forma, o recomeço devolve às mulheres a própria voz, a identidade, o poder de luta e a visibilidade as questões femininas, incluindo a maternidade e seus questionamentos.

Palavras-chaves: Maternidade. Novo Começo. Literatura Feminina. .

ABSTRACT

This article presents the possibility of considering a new beginning in the novel *Com Armas Sonolentas*, by Carola Saavedra. It seeks to contribute to the critical fortune of the work and to promote discussion, on a national level, on the theme of motherhood in its literary perspective, bringing maternity and the new beginning proposed by the author Hannah Arendt to the theme. The methodology used consists of writing the scientific article with a qualitative approach of an explanatory nature, based on bibliographic research, in the analysis of the novel by Carola Saavedra, *Com Armas Sonolentas*. The research is based on the theme of motherhood, based on the work of Hannah Arendt, *Human Condition*, in order to present the perspective of the new beginning, in addition to a literature review with authors who address the themes of the aforementioned authors. In this sense, it is maintained that literature is combined with action and the possibility of a new beginning, through it we can listen, dialogue and reflect on the issues of the feminine, on the body, on motherhood and on the mother and daughter relationship. In this way, the restart gives women their own voice, identity, fighting power and visibility to women's issues, including motherhood and its questions.

Keywords: Maternity. New Beginning. Female Literature. .

1 INTRODUÇÃO

A literatura feminina veio para ocupar os espaços que por muito tempo foram de maioria masculina, para dar voz às mulheres e promover maior visibilidade às questões do feminino, como a maternidade e a relação mãe e filha. Observa-se que o tema ainda traz consigo estereótipos que tentam relacionar a maternidade a uma função única e específica da mulher, como se toda mulher estivesse destinada para o ato de maternar, não restando a ela a opção de escolher outros caminhos relacionados ao seu corpo. Estamos diante de uma sociedade que julga e subjuga as ações femininas, expondo-as à violência, à violação do corpo, ao desrespeito, o que pode levar inclusive à perda da própria identidade. Em nossa sociedade patriarcal, a mulher é rotulada como objeto, como um ser a seguir regras impostas, muitas arbitrarias, as quais são encontradas em diferentes âmbitos, tais como o comportamental, o político, o social e o familiar. Assim, neste caminho desfavorável à condição feminina, a literatura se torna uma expressão de luta e de fala, uma ferramenta indispensável para as questões do feminino, sendo capaz de promover o encorajamento das mulheres, o despertar para a leitura e a escrita na sua dimensão reflexiva, transformadora e afetuosa sobre todas as questões relacionadas à mulher. .

Para abordar o tema maternidade e abrir caminho para um diálogo e uma reflexão coerente e realista sobre a maternidade, escolhi uma escritora e uma filósofa. De um lado, na perspectiva ficcional, está Carola Saavedra, com a obra *Com Armas Sonolentas* e do outro, numa abordagem filosófica, está Hannah Arendt, com a obra *A Condição Humana*. Carola Saavedra, escritora brasileira, com descendência chilena, busca no romance “Com armas sonolentas” traçar um caminho com muitos significados, trazendo a ancestralidade, o presente e a condição social para os temas relacionados à maternidade. A escritora concebe uma história repleta de significações, de simbologias e mistérios que começam na própria escolha do título, que é um verso do poema “Primeiro Sonho”, de Sor Juana Inés de la Cruz, no qual a autora revela uma liberdade de pensar e conhecer. Trata-se, portanto, de um conhecimento que vai além da própria consciência, isto é, uma “viagem da alma”. No transcorrer da história, entramos em contato com a vida das três

personagens mulheres que perpassam a narrativa por meio de encontros e desencontros, chamando a atenção para a relação entre mãe e filha. Diante desse breve recorte da obra de Saavedra, busco, a partir do pensamento de Hannah Arendt, no capítulo “I”, da obra *A condição humana*, a formulação a respeito do novo começo. A metodologia utilizada consiste na escrita do artigo científico com abordagem qualitativa de cunho explicativo, a partir da pesquisa bibliográfica, na análise do romance de Carola Saavedra, *Com Armas Sonolentas* com o tema maternidade e a obra de Hannah Arendt, *Condição Humana* na perspectiva do novo começo, além de revisão de literatura com autores que abordam as autoras supracitadas e a temática. O trabalho está dividido em três momentos: o primeiro momento apresenta inicialmente considerações sobre o novo começo, estudados na obra de Hannah Arendt e a construção na literatura. Localizo o novo começo na pesquisa de Luciana Jardim, no artigo “Fragmentos de novos começos: notas sobre a temporalidade do corpo feminino em textos de Clarice Lispector e Conceição Evaristo”, para o evento Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (NIELM), no qual a pesquisadora recupera o novo começo a partir da leitura de Kristeva sobre o pensamento de Arendt, em *A trilogia do gênio feminino, volume 1*, que é dedicada à filósofa, do mesmo modo a leitura da respectiva obra suprarreferida de Julia Kristeva, que passa pela análise que a autora faz de Hannah Arendt, ligando o novo começo e a maternidade. O segundo momento aborda o novo começo em *Com Armas Sonolentas*, explicando aspectos do enredo da obra de Carola Saavedra, considerando a ligação das personagens na perspectiva da personagem avó e a relação mãe e filha acolhida pelo romance e análise na fortuna crítica sobre a questão da maternidade em outros artigos. O último momento disserta sobre o recomeço, na leitura do novo começo, segundo a personagem avó, no olhar prático e reflexivo sobre o agir e as questões da maternidade em uma ação que se desvela tanto inconsciente quanto traumática e coletiva, em busca de um novo agir ou pensar, isto é, para o recomeçar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Considerações sobre o novo começo

Na obra *A condição humana* da autora Hannah Arendt, vamos abordar o capítulo I, o qual está dividido em três partes: A Vita Activa e a Condição Humana; A expressão Vita Activa; e A eternidade versus imortalidade. Assim o livro apresenta-se como uma linha com dois lados, um dos lados estuda as capacidades humanas gerais que nascem da condição humana, e que “não mudam” ou “não podem ser perdidas” até o instante em que não mudar a própria condição humana. O outro lado investiga a origem da alienação no mundo moderno, que vai da Terra para o universo e do mundo para dentro do homem, para entender a natureza da sociedade (ARENDR, 2007, p. 14).

Na intenção de se colocar fora da alienação imposta, surge a expressão Vita Activa, que é representada por “três atividades humanas fundamentais: o labor, o trabalho e a ação”. O primeiro representa a “própria vida, o processo biológico que tem haver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas no processo da vida”; o segundo contempla o “artificialismo da existência humana”, o trabalho produz um “mundo artificial das coisas” ou os aspectos convencionais e superficiais das coisas; O último é a “condição humana da pluralidade” pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir (ARENDR, 2007; p. 15-16).

A autora traz o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade, como condições da existência humana. Sendo assim, intrinsecamente ligada à existência está o labor, que assegura a vida da espécie, o trabalho e o seu produto, produzem uma certa “permanência e durabilidade à futilidade” da vida mortal e a condição temporária do tempo humano e a ação garante criar e resguardar os corpos políticos, criando a condição para lembrança ou para a história. (ARENDR, 2007, p. 16).

O labor e o trabalho, bem como a ação, tem também raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta.[...] a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o

recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade (ARENDR, 2007, p. 17).

Seguindo o pensamento arendtiano da condição humana, os humanos são seres condicionados, tudo que “entra em contato acaba condicionado à existência”, e também condicionando uns aos outros, tudo que entra ou é trazido pelo esforço humano, acaba parte da condição humana, isto é, os objetos e as coisas precisam da existência humana, assim como, a existência humana precisa dos objetos e das coisas (ARENDR, 2007, p. 17).

A objetividade do mundo - o seu caráter de coisa ou objeto - e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam amontoado de artigos incoerentes, um não mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana (ARENDR, 2007, p.17).

Arendt apresenta a contrariedade entre os termos eternidade e imortalidade, trazendo a diferença entre os homens de ação, aqueles agarrados nas coisas do mundo e os homens de pensamento, abertos na contemplação. A imortalidade nos revela a continuidade no tempo, na vida, na terra e no mundo, enquanto ser mortal, cercado por um universo imortal, mas não eterno. Para a filósofa, os animais garantem a imortalidade na procriação da sua espécie, já o homem está numa vida que começa no nascimento e vai até a morte. Ou seja, a mortalidade significa “mover-se ao longo de uma linha reta no universo em que tudo que se move o faz num sentido cíclico” (ARENDR, 2007, p. 26-27).

Segundo Arendt, a “capacidade de produzir coisas: como obras, feitos e palavras” são atividades que pertencem aos mortais (homens), e também, pertence à eternidade, para assim conseguir entrar no lugar onde tudo é imortal, salvo eles próprios. A partir das palavras da filósofa a diferença entre homem e animal “aplica-se a própria espécie humana”, somente os que agem ou provam ser os melhores, escolhem a forma imortal ao invés das coisas mortais são realmente humanos. E os que se satisfazem com os prazeres que a natureza lhes proporciona, vivem e morrem como os animais. (ARENDR, 2007, p. 27-28)

Segundo Arendt, quando alguém externa através da escrita o seu conhecimento com o propósito de transpor para as gerações, assume a “Vita Activa” que constitui uma alternativa para permanecer na lembrança.

Segundo Conceição Evaristo, no conto *Olhos d’água*, podemos inferir uma tênue explicação sobre a Vita activa e a eternidade em um caminho materno, muitas vezes, reposto de vidas ou gerações costuradas nos traumas “com fios de ferro”: “invocar e evocar vidas costuradas “com fios de ferro” - porém preservadas com a persistente costura dos fios da ficção, em que também se almeja e se combina, incansavelmente, não decerto a imortalidade, mas a tenaz vitória humana, a cada geração, sobre a morte” (EVARISTO, 2019, p.11).

No artigo “Fragmentos de novos começos: notas sobre a temporalidade do corpo feminino em textos de Clarice Lispector e Conceição Evaristo”, a autora Luciana Jardim recupera elementos importantes que envolvem, completam e explicam a “experiência da maternidade” e um novo começo carregado de “ação”, que abre caminho para as relações, os afetos, os desafetos, os traumas e as lembranças. O tema a maternidade, as questões do feminino e a escrita das mulheres começam a aparecer na literatura brasileira no século XX. O novo começo chega para dar visibilidade à escrita feminina, resgatar a fala de mulheres que infelizmente, neste período, foram silenciadas. A trilogia *O gênio feminino*, de Julia Kristeva, traz uma passagem importante explicando em poucas palavras o início deste século: “o século XX pôs fim à crença segundo a qual as mulheres eram aquela metade de uma espécie de mamíferos que se destina aos nascimentos” (KRISTEVA, 2002, p.9). O novo começo vem para dar visibilidade e voz à memória dessas autoras na literatura e na literatura brasileira ,e também, resgatar a história escondida dentro de uma sociedade que predomina a escrita masculina.

O novo começo pode ser pensado em nossa história da literatura brasileira. Seria um modo de dar reconhecimento às histórias das mulheres e de retirá-las do rebaixamento promovido pelo falocentrismo. Recomeçar a reler as narrativas femininas à luz de seus novos começos implica dar visibilidade a arquivos soterrados, aqueles do pensar e sentir femininos. Um novo começo não necessariamente precisa vir acompanhado de afetos eufóricos. E há ainda

muito a ser escrito sobre o tema em nossa literatura, especialmente no que se refere à experiência sensível feminina (JARDIM, 2020, p. 8).

Ao reconhecer a importância do novo começo na literatura, podemos mencionar a escritora Conceição Evaristo, que traz na “escrevivência” o novo começo com uma escrita repleta de memórias, de cuidados, de angústias, de violências, de afetos maternos, de ancestralidade e de força negra pulsante, viva e marcante. E a escrita de Clarice Lispector contempla o “instante-já”, marcado por um tempo vivo, que fala sobre si mesma, levada pela limpidez e turbulência das águas refletidas nas lembranças que tentam descrever a transitoriedade do tempo.

O novo começo, para a narradora de Evaristo, também se apresenta com uma alegria entrecortada por outros tons, semelhante àquela escrita pela narradora de Clarice, mas que, é preciso dizer, traz consigo outra escrevivência. Difícil apreensão a alegria feminina. E é sempre numa linha fina que esse novo começo nos alcança nas tramas de Evaristo (JARDIM, 2020, p. 9-10).

A autora, ao explicar o pensamento arendtiano sobre o novo começo, traz dois elementos que se relacionam na perspectiva do novo começo e da “condição humana da natalidade”: a ação e a narrativa presentes em cada nascimento, associadas à capacidade de iniciar algo novo (novo começo). Pensando na esteira de iniciar algo, podemos dizer que todas as atividades humanas carregam a ação e conseqüentemente a natalidade. Neste sentido de “experiência do íntimo” e “vida interior”, forma-se a subjetividade, que vem dotada de uma força interior (a vontade), necessária ao novo começo e à intenção de ação.

Neste pensar o “mais interior”, transparecendo ou deixando transbordar a “experiência da revolta íntima”, transferindo para os livros ou em palavras as sensações do corpo, tem início, assim, novos começos em suas “vidas-obras”, como propõe Kristeva quando sustenta que “o gênio feminino está associado à biografia e à “eclosão de um tema”, como o novo começo e a maternidade. Por isso, o novo começo deve ser visto sob diferentes perspectivas, porque cada ação está envolvida por uma carga de emoções, traumas e experiências que pertencem àquela mãe, que sente o instante da chegada da maternidade e a força que floresce no interior, uma capacidade de começar regada por todas as

“ experiências íntimas” que regem a ação e também o processo de “ aquisição da linguagem daquele que nasce”. Como nos diz Jardim:

Nos estudos psicanalíticos de Kristeva, que compreendem reflexões das contribuições freudiana e kleiniana, a figura da mãe se apresenta marcada por transformações tanto físicas e psíquicas. A experiência da maternidade e as transformações necessárias de suas paixões pavimentam o caminho da linguagem daquele ou daquela que nasce e que será um sujeito da linguagem (JARDIM, 2020, p. 7).

Independentemente de todas as mudanças e conquistas das mulheres, elas continuarão a ser “mães da humanidade”, uma ação que só cabe a elas, o parto, ou seja, ser uma das partes envolvidas na ação do nascimento. Este processo natural leva algumas mulheres a “viver a vida do espírito”, isto é, viver o que está na alma, na experiência íntima, atribuindo a estas mulheres e mães a “aceitação, a negação e o conflito” que pode ocasionar em uma ação fora dos moldes determinados, agindo de maneira especial e modificando “ a condição humana” (KRISTEVA, 2002, p.11).

As mães podem ser gênios não somente do amor, do tato, da abnegação, da capacidade de suportar ou mesmo do malefício e da bruxaria, mas também de uma certa maneira de viver a vida do espírito. Esse tipo de mãe e de mulher – às vezes calorosamente aceito, às vezes negado, ou dividido por conflitos -, lhes confere de fato um gênio bem delas. É precisamente o que as mulheres, mais numerosas no século XX, mais seguras que nos tempos passados, demonstram com força: se bem que puerilmente envolvidas no espaço e na espécie, elas podem agir também como singularidades renovadoras e modificar profundamente a condição humana (KRISTEVA, 2002, p. 11-12).

Ao expor a ação como algo que pode transformar ou trazer alguma alteração para a condição humana, podemos dizer que a liberdade humana está atrelada neste agir que pertence ao existir. A liberdade humana se apresenta como um somatório do começar com o existir, proporcionando ao indivíduo um “autocomeço” colocando-o como agente da ação de começar algo novo e a maternidade que traz o nascimento (começar e existir) como um caminho certo que transfere para aquele que nasce a ação de recomeçar ou um “ato de liberdade” (KRISTEVA, 2002, p. 45). Assim nos explica Kristeva:

Percebe-se, aqui, o esforço de Arendt, lendo Agostinho, de superar a oposição objetivo/objetivo e de enraizar a liberdade humana não numa disposição psíquica interna, mas no próprio caráter da existência humana no mundo. O *initium* após o *principium* são as marcas dessa determinação pré-subjetiva da liberdade humana como “autocomeço”, assim como a definiu Kant: é porque existe um começo que o homem pode começar; e , começando por nascer, ele se destina a nascimentos renováveis que são também atos de liberdade. (KRISTEVA, 2002; p. 45)

Apreendemos, segundo os argumentos de Kristeva, que o nascimento ou aquele que nasce, e também a mãe carregam a ancestralidade e um “estar-junto-livremente-escolhido” inquietante. A inquietude envolta neste processo explica o que Kristeva chama de “nó”: “insistindo no “nó” que é a dupla participação da vida humana, no “gênero humano” e em um “novo ser-junto” (KRISTEVA, 2002, p. 48).

2.2 Novo começo em “Com Armas Sonolentas”

O romance “*Com Armas Sonolentas*”, de Carola Saavedra, é um “romance polifônico” de muitos sons que se entrelaçam, traçando combinações e separações que unem os lados. A história se apresenta em duas fases, o lado de fora e o lado de dentro, como uma “fita de moebius”, dois lados sem lado nenhum. Nestes lados construídos de afetos e desafetos se enlaçam a história de três mulheres e mulheres mães: Anna, Maíke e Avó, em uma busca pelo novo começo ou novo eu, guiada pela ancestralidade, a maternidade, o nascimento e a ação, reconstruindo caminhos que foram silenciados por uma sociedade que procurou fazer com que um único som, o da opressão, abafasse a “identidade polifônica” destas mulheres. (SAAVEDRA, 2018, p. 2) .A escrita de Jardim contribui para elucidar o caminho deste romance:

Nessa história, são narradas as vidas de três mulheres, três gerações de mulheres, em diferentes espaços, a partir de geografias que me interessam especialmente pelo trânsito afetivo, localizado na experiência da maternidade. O jogo de atmosferas densas, despertado pela malha afetiva que acompanha as personagens dessa trama cosmopolita, se sobressai antes mesmo das dificuldades intrínsecas àqueles que são levados a uma experiência de deslocamento espacial, amiúde marcada pela violência do não pertencimento (JARDIM, 2018; p.1).

Este “faz de conta” redefinido de verdades acalenta um sentimento de não pertencimento e de estrangeirismo, sentido no próprio título “*Com Armas Sonolentas*”, que pertence a um verso do poema “*Primero Sueño*” de Sor Juana Inés de la Cruz, uma freira, que sente o estrangeirismo e encontra nos versos a forma de expor a rebeldia ou a revolta íntima, na esperança de viver através das palavras a própria vida. Considerada por Carola Saavedra como a “primeira mulher” do livro, que acompanha não só o título, mas também, na “imagem de Inês vestida de freira no carnaval”, “a entidade – espírito que acompanha a avó e Lupe, a namorada mexicana de Maíke”, o poema fala, “sobre essa outra forma de conhecimento, que não passa pela razão, mas por esse saber que ela chamava de místico e que nós poderíamos chamar de inconsciente ou de um saber do corpo” (SAAVEDRA, 2018, p. 2). Sor Juana de la Cruz, uma poeta a frente do seu tempo, revela nos poemas, o seu estrangeirismo, no sentido de não pertencimento:

Nunca estive em seu verdadeiro lugar, aquele que lhe correspondia; sempre foi intrusa e estranha – tanto na corte como no convento. [...] teve que enfrentar não só as intrigas e o ciúme da comunidade como, mais profundamente, a incompatibilidade entre a vida livre e solitária do escritor e a vida comunitária e rotineira do convento (SAAVEDRA, 2018, p.2; IDEM Paz, 2017).

A autora invoca todo o misticismo ou ramificações presentes e ausentes que compõem cada personagem, cada um com suas histórias e/ou memórias que se ligam para descobrir ou reinventar o próprio eu, nas questões relacionadas à maternidade e a relação mãe e filha, as quais revelam um alinhamento e uma união que começa na divisão do romance com o lado de fora e o lado de dentro, depois com o enredo entrelaçados das personagens Anna, Maíke, Avó e por último com “Sor Inês de la Cruz”, que aparece no título e na vida de Maíke e da Avó. O lado de fora representa o não pertencimento, o sentir-se fora daquele lugar. Anna sentia uma falta de harmonia entre suas escolhas, o sentir-se deslocada acompanhou sua relação com a mãe, a relação como mãe, a relação amorosa, a relação familiar e a relação profissional procurava a coerência e um lugar que fosse realmente seu, como se a vida de atriz viesse para preencher um espaço, deslocado no tempo e nas relações:

“Sempre lhe pareceu que havia uma dissonância entre o que desejava e o que realmente queria. Como se todo desejo viesse encoberto por uma espessa camada de autoengano, um inevitável mal – entendido” (SAAVEDRA, 2018, p.13).

Trata-se de uma característica importante que agrega um fator de valor controverso na relação de mãe-filha e neste sentir-se estrangeiro, desde sua concepção até a vida adulta, que começa no âmbito do acolhimento, do ambiente lar, que gera segurança e pertencimento, mas este lugar nunca existiu ou sentia não ser seu, não tinha um lar para chamar de seu, crescendo em uma história e em uma pseudo casa construída para mascarar o machismo, o estupro, a violência, o abandono e a escravidão: “A filha Anna, criada nesse hibridismo afetivo de não pertencimento nem ao quarto da empregada, nem à “casa grande”, um ambiente repleto de invisível mal-estar, se refugia no papel de estrangeira” (JARDIM, 2018;p.5). Nessa mistura de sentimentos, sem um laço afetivo forte, Anna Mariane usa o pseudônimo e a busca por reconhecimento ou “suposto afeto” na profissão como atriz, para atingir este objetivo, aventura-se no casamento com Heiner, um cineasta famoso que a seduz com este *status*. Assim, a personagem projeta nele a esperança do sonhado reconhecimento ou afeto público. Anna aceita ir para a Alemanha com Heiner, mesmo sem amá-lo, porque para ela que viveu sempre em uma vida de metade, nem mesmo a mãe a faria ficar, afinal, “a mãe era um nó cego, não era um laço, cuidaria dela assim que pudesse” (SAAVEDRA, 2018, p. 28). E o fato de não amar Heiner não a preocupa: “Quando alguém lhe perguntava, você o ama?...ela respondia, amo, mas do meu jeito, que era uma forma elegante de dizer, não, não amo, mas queria muito amar” (SAAVEDRA, 2018; p. 28).

Mesmo sem saber, Anna carrega a herança de um abuso, no qual foi concebida e quando deixa Heiner fazer o quer com o corpo dela, proporcionando-lhe um prazer que ela não sente. Essa personagem reproduz o mesmo abuso constante e historicamente permitido pelas gerações do Brasil, feito para agradar ao homem na “esperança” de um futuro:

Anna achou que mais uma vez o sexo havia sido sem graça, ele pouco se esforçando para adequar ao ritmo do corpo dela, mas não se importou, ali, com Heiner, sentia

que o medo perdera sua força anterior, agora todo o futuro, e também o passado, se apresentava cheio de esperança (SAAVEDRA, 2018, p. 26).

A maternidade chega para Anna aos 21 anos, num momento conturbado, no instante em que ela é tomada por uma coragem para terminar seu relacionamento com Heiner, decidida a voltar para o Brasil, porque na Alemanha não tem família, não tem amigos, não tem vínculos afetivos e não tem fama:

Nessas circunstâncias, que adensam sua condição de estrangeira, surge uma gravidez não planejada, tampouco desejada desde a descoberta, durante o quarto mês de gestação. A sensação de dar à luz acompanha a sua desagregação entre o desconforto físico e psíquico (JARDIM, 2018, p. 5).

A fragmentação que acompanha o momento faz com que Anna renegue uma continuidade, uma história, que não é somente sua, dividida entre as gerações. Na leitura de Figueiredo, segundo o artigo “A arte da Composição em Carola Saavedra”, se torna um tipo de interdependência de gerações: “tanto na transmissão de uma herança quanto na recepção do legado, existe uma responsabilidade recíproca” (FIGUEIREDO, 2018, p. 80). E também por uma sucessão de abandonos, que agora ela retorna a reviver:

[...] a mãe que nunca a protegera de dona Clotilde, aquele constante abandono, aquela resignação, é preciso aceitar, minha filha, ela tem condições, pode te oferecer uma vida melhor, a mãe que ela tentava esquecer, quando tivesse dinheiro, a tiraria de lá, mas que agora abraçada a Birgit chamou pela mãe, quase inaudível, mesmo que a mãe fosse apenas uma pessoa que a tinha parido e que ela chamava de mãe (SAAVEDRA, 2018, p. 54).

Anna revolve dar continuidade ao “legado de estranhezas e desencontros” e deixa a filha num carrinho, perto da árvore, aos cuidados da capivara, um animal que parecia ler os seus pensamentos: “te conheço de longa data, você suporta mal a dor, esse é o problema, veja quanto custa renegar o sítio natal”. A capivara sussurrava: “Pode ir, Anna eu cuido da sua filha, tenho experiência, já tive muitas ninhadas, ela vai ficar bem”. (SAAVEDRA, 2018, p. 61). O conto “Olhos d’água”, da escritora Conceição Evaristo, também traz a carga de sofrimento, os abandonos diários e o que a

autora chama de “águas correntezas, que levam nos olhos”, isto é, na alma, este fluxo contínuo e forte de lembranças, esperanças e traumas: “Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água”. (Evaristo, 2019, p.18)

A história de Mike começa quando a personagem decide estudar português, ou como ela diz: “O dia da minha concepção, quando eu, um amontoado de células, comecei a habitar um ventre desconhecido” (SAAVEDRA, 2018, p. 65). Maike sentia-se estrangeira, o não pertencimento estava em casa, na faculdade e nas escolhas afetivas, mas encontrava na biblioteca o seu refúgio, local de amparo e também para fugir dos perigos do seu mundo e do seu inconsciente (SAAVEDRA, 2018, p. 67).

As bibliotecas funcionavam como uma redoma fora da casa dos meus pais, um lugar onde era possível ficar só, sem fazer nada, e, o mais importante, em silêncio, protegida dos olhares inquisidores da minha mãe, suas perguntas, seu jeito suave de fazer eu me sentir culpada, seus excessos travestidos de amor (SAAVEDRA, 2018, p. 67).

O caminho da personagem se divide entre dois acontecimentos, a facada de Max, quando criança, um golpe nas costas, e seu relacionamento com Lupe. No primeiro, ela rememora o episódio da facada: “Lembro pouco da dor, mas lembro bem a sensação de estar fora do mundo, de ter deixado no meu corpo e habitar naquele instante, outra dimensão, uma dimensão em que eu, finalmente, me encontrara. Sim, eu existia”. (SAAVEDRA, 2018, p. 75). No segundo, está o seu relacionamento com Lupe, atrelado à sensação que sentiu na infância de afogamento, a sensação de sentir-se distante, sufocada em comportamentos e escolhas que não representam a sua vontade, sentindo-se incapaz de pedir ajuda. Quando Lupe beija Maike pela primeira vez, duas sensações predominam no corpo de Maike (SAAVEDRA, 2018, p. 75-83):

Quando Lupe me beijou pela primeira vez, eu pensei na areia que se afastava e em Alejandro e na mão que me puxava pelos cabelos para superfície.[...] eu fechei os olhos e me deixei afundar, como um naufrago que, após horas lutando com as águas, desiste e finalmente submerge. O alívio da batalha perdida (SAAVEDRA, 2018, p. 83-85).

E entre a busca por algo que nem mesmo a própria Lupe sabia ser, mas precisava encontrar a sua vida e as respostas para os seus questionamentos inconscientes, está a busca pelo novo começo. No artigo “A experiência da literatura desde a paixão materna”, a autora Luciana Jardim envolve o tema maternidade dentro da literatura, em um movimento entrelaçado de ausências, de sentimentos intrínsecos à condição corporal:

[...] procura abrir brechas para ressignificar os preconceitos advindos da perecibilidade do corpo, abrindo-se a uma densa camada de sensações e sentimentos que tornam a atividade de pensar em desafio, muitas vezes atravessada pela falta de sentido e pelos contrassensos (JARDIM, 2018, p. 3).

Ao analisar atividade da ação e perceber que a partir dela retira-se a “experiência da maternidade do seu aspecto meramente biológico”, a autora traz Kristeva e suas “contribuições filosóficas” a respeito das tensões entre o “par corpo e o pensamento”, que, para a autora significa, a experiência sensível e o mundo das aparências com a vida do espírito, transpassados por uma relação de codependência e heterogeneidade (JARDIM, 2018, p.10).

Sobre a maternidade, Kristeva também defende a ideia de começo como outra possibilidade de refletir filosoficamente sobre o tempo desde a sua cesura de começo de vida. Kristeva acrescenta a essa abertura para novos começos a “lógica da liberdade”, que para nossa surpresa não vem alicerçada sobre a transgressão, mas ao que se reconhece como a “capacidade de começar”. Estar apto à liberdade de começar e recomeçar depende do segundo fator elencado pela teórica, da aprendizagem da linguagem pela criança. Nessa descrição, ao menos nesse artigo, o papel da mãe se revela crucial. Enquanto a linguagem da mãe também se altera, se seguirmos os argumentos de Kristeva, que tocam justamente nesses “enigmas” vindos do feminino, acontece nessa experiência uma espécie de “reconciliação com a língua materna (JARDIM, 2018, p. 10-11).

Pensando sobre o corpo feminino e suas subjetividades, dentro de uma sociedade patriarcal e machista, encontramos o artigo “Narrativas de mulher e a construção da maternidade no romance contemporâneo de Carola Saavedra”, da autora Paolla dos Santos Souza, que aborda o conflito interno de tornar-se mulher em uma cultura que enaltece o patriarcado, o machismo e subjuga as ações e o corpo feminino, no sentido de como “as normas sociais”, afetam os corpos. (SOUZA, 2019, p. 2).

Quando Carola Saavedra expõe em sua narrativa personagens marcadas por subjetividades corporificadas, fica evidente sua tentativa de dar voz as mulheres clandestinas na literatura. Clandestinas no sentido de não pertencerem a lugar algum, de estarem ligadas pelo fio da vida que busca a (re) construção da própria identidade e o não exílio de si (SOUZA, 2019, p. 3).

Nesta mesma linha de construção da identidade, Souza observa e relata importância de se questionar e trazer para a literatura feminina uma “consciência com relação aos mecanismos culturais de unificação, de estereótipos e exclusão”:

Todo ser humano de fato nasce de uma mulher, mas nenhuma mulher nasce mãe: que as mulheres carregam os descendentes humanos pode ser um fato, mas isso não obriga as mulheres a se comprometerem com os cuidados, a proteção, à educação e a responsabilidade que essa relação exige (SOUZA, 2019, p. 6-7 idem do Natan 2017, p. 51-52).

2.3 Recomeço

Na obra de Carola Saavedra, *Com Armas Sonolentas*, a terceira personagem, a avó, inicia a herança de afetos e desafetos que permeiam a história de Anna e Maike, entrelaçadas em uma fita feita de misticismo e ancestralidade que acompanha as três histórias. Aos 14 anos, a avó se depara com abandono da mãe e com a escravidão moderna, disfarçada de trabalho e moradia na casa dos patrões.

Ao que não se acostumava nunca, mesmo com o passar dos meses, era distância da mãe e especialmente da avó, e até mesmo dos irmãos brigando e ela brigando com eles e a mãe brigando com ela, sentia falta até das coisas que não gostava, da mãe batendo nela com cabo de vassoura, porque mesmo batendo ainda era a mãe, e ali não tinha ninguém, só Dodô e aqueles fragmentos de conversa quando Dona Clotilde não estava olhando, que dona Clotilde não gostava de conversinhas entre os serviçais (SAAVEDRA, 2018, p. 141).

Anna foi concebida em uma relação impositiva, em meio a consentimentos não concedidos, um estupro abafado pelo medo, uma história não contada de violências, traumas e falta de afeto que agora carrega no ventre a busca de um novo começo. Um novo começo feito de encontros, desencontros e palavras ecoadas em um mundo místico para além de uma compreensão racional, algo que permeia a ancestralidade e a herança

feminina de entregas e de abandonados, “como se a menina fosse ela própria, entregue, abandonada, mas você também a mãe e até a própria avó, uma sucessão incessante de entregas e abandonos quando teria começado isso?” (SAAVEDRA, 2018, p. 248).

A herança de desafetos e afetos que essas mulheres carregam em suas lembranças, carregadas de misticismo, que, neste caso, envolve a trajetória da mãe de Anna, isto é, avó de Maíke, está nas conversas desta avó com espírito da sua avó, que é bisavó de Anna e tataravó de Maíke. As lembranças estão acompanhadas de saberes, dores, lembranças e afetos envolvidos na infância, no quatinho dos fundos na casa de Dona Clotilde e mais tarde na casa de repouso. O lado de dentro aflora a misticismo, entrelaçado nas lembranças. A capivara, elemento onírico da narrativa, traz as verdades ocultas, as quais ganham liberdade, e assim começamos a entender que o lado de fora e o lado de dentro representam só um lado, são a mesma coisa, como a “fita de moebius”. No artigo “A arte da Composição em Carola Saavedra”, a autora Figueiredo, explica o lado de dentro:

A segunda parte, se caracteriza por um realismo mágico, com a presença quase constante da avó da avó, a indígena que detém ainda o conhecimento das forças da natureza, das ervas e se insere no que Eduardo Viveiros de Castro (1996) chama de perspectivismo ameríndio: não há distinção rígida entre os vivos e os mortos, os animais os humanos e as plantas, ou seja, não existe, como na civilização ocidental, essa diferenciação rígida entre natureza e cultura, humano e não-humano. Essa ancestral vai promover, numa perspectiva mágica, a possibilidade de encontro das três gerações de mulheres: avó, filha e neta (FIGUEIREDO, 2018, p. 86)

Nessas linhas de encontros e descobertas sobre a vida da filha, a mãe de Anna se sente abandonada por não saber da história de vida da própria filha, como Anna conseguiu abandonar o bebê, a atitude dela com a filha foi reflexo de todos os abandonos sentidos por ela e pela falta de ação da própria mãe, que também a entregou como um “embrulho” para dona Clotilde: “ela que me entregava feito embrulho para que outra mulher me criasse, a patroa, feito um tributo a pagar” (SAAVEDRA, 2018, p.173-174).

As lembranças que surgem ou ressurgem transformadas em ações nos mostram que o que nos move não está ligado a nossa questão de

obrigação da função materna, pois são antes resquícios de heranças emocionais que nos conduzem agir de uma certa forma.

Eu fiz tudo isso: gestei e pari e vesti e alimentei um pedaço de carne, chamado também de “outro ser humano”, e limpei suas secreções e excrementos e o coloquei no berço a salvo de intempéries e predadores, eu fiz tudo isso que minha mãe e minha avó e minha bisavó e minha tataravó e minha taratataravó haviam feito, mas nem por isso tornei-me mãe (SAAVEDRA, 2018, p. 176).

O fato de ter gestado, parido e alimentado a bebê não foi condição suficiente para se tornar mãe e deixar seus traumas no passado. A maternidade não é intrínseca à mulher, assim como os laços afetivos que constituem a relação mãe e filha não está somente ligada ao fato de gestar e parir. Quando Anna abandonou sua filha no parque, e ficou cuidando-a atrás de uma árvore, viu quando uma mulher segurou aquela bebezinha no peito e em apenas “trinta e sete minutos” se tornou mãe:

Minha filha, ela repetiu em voz baixa acariciando o bebê com aquelas palavras. E quando terminou, sentiu que não era suficiente, que não era alimento suficiente, que ela ainda não era suficientemente sua filha. Descobriu então o seio direito e aproximou a pequena boca, que o agarrou e continuou mamando, seu seio feito uma extensão natural da mamadeira, um seio murcho, um seio seco. E ela ficou ali, sublime, perplexa, emocionada, pensando, então era assim, esse amor tão grande, esse tempo todo esse amor tão grande. E aquele bebê quieto e macio do qual ela já era mãe havia exatos trinta e sete minutos (SAAVEDRA, 2018, p. 173).

Para pensar no recomeço, que pode ser pensado à luz da possibilidade de criar e recriar laços afetivos entre mãe-bebê, precisamos repensar as nossas escolhas e encontrar a nossa ligação mais íntima e nos libertar da carga de “palavras ancestrais” e assim apropriarmo-nos de uma outra ação:

Por exemplo, um tamanduá é um tamanduá e continuará sendo um tamanduá, assim como seus filhos e seus netos e seus bisnetos e tataranetos, numa cadeia infinita de tamanduás, e não há nada a fazer, a não ser que, por algum motivo, quase sempre mero acaso, o tamanduá consiga reconhecer a narrativa que faz dele um tamanduá, decifrá-la, e reencontrar antiga conexão, ou seja, fazer a travessia, que é o momento em que ele pode se aproximar da sua essência original, que é irrecuperável, pois não é feita de palavras, se desvincular de sua herança de tamanduá e assumir a forma de outro bicho, de uma planta, de uma pessoa, e

até mesmo, preste atenção, de outro tamanduá! (SAAVEDRA, 2018, p. 250)

No artigo “Aspectos da Maternidade no romance *Com Armas Sonolentas*, de Carola Saavedra”, autora Luciana Jardim menciona as visões da mãe de Anna e este “espírito conselheiro” que dá acalento e amparo nos momentos de decisão dessa personagem: “somos constantemente acompanhados pela presença espectral da personagem avó, que se manifesta como uma espécie de espírito conselheiro para neta desassistida e infeliz” (JARDIM, 2018, p. 11). Jardim contempla as visões e diálogos da mãe de Anna com a avó, e as conversas da avó com a capivara, como uma “interferência” ou uma forma de dar visibilidade ao lado de dentro, o qual consegue influenciar o lado de fora. A capivara vem como uma guia que permite à avó passar por estas experiências que ultrapassam o dentro/ fora (JARDIM, 2018, p. 12):

A capivara testemunha e dá acolhida à vida espectral da avó. Cabe ao animal, chamada de “mensageira dos mundos”, enviá-la para as sucessivas experiências de ultrapassagem do par dentro/fora. Vem de uma mulher morta, que supostamente deveria ser silenciada, mas, seguindo a herança que guarda algo da ironia do narrador machadiano, aqui, nessa voz feminina da maturidade, o vir à tona do poder de interferir, desde o lado de fora, no outro lado, o lado dos vivos, daqueles que pertencem à presença e à sua imponente visibilidade, o lado que, na segunda parte do romance, recebe o nome de “lado de dentro” e, no entanto, se desvela como o lado que dá voz aos mortos (JARDIM, 2018; p. 12).

Ao buscar entender como o “lado de dentro e o lado de fora” formam um só lado, podemos mencionar um parágrafo do livro *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. A autora explica sobre o ritual, o qual está intrínseco em cada filho ou nascimento, está inerente no processar da vida do núcleo e cada pessoa é este núcleo ou pelo menos deveria tentar ser.

Quando uma pessoa é o próprio núcleo, ela não tem mais divergências. Então ela é a solenidade de si própria, e não tem mais medo de consumir-se ao servir ao ritual consumidor - o ritual é o próprio processar-se da vida do núcleo, o ritual não é exterior a ele, o ritual é inerente. A barata tem o seu ritual na sua célula. O ritual - acredita em mim porque acho que estou sabendo - o ritual é a marca de Deus. E cada filho já nasce com o mesmo ritual (LISPECTOR, 1998, p. 79).

Nestas linhas claricianas que seguem a fita, feitas de dentro/fora, permeadas por um caminho de lembranças que buscam um novo agir, uma nova ação, para recomeçar, os laços maternos e as relações de mãe e filha se colocam, se desestruturam e se reinventam, em uma soma de encontros e desencontros que acontecem no “ponto de partida”. Quando a mãe de Anna reencontra a neta, mesmo sem saber que aquela moça é a filha abandonada por Anna em frente ao teatro em que ambas esperam por Anna, a avó usa o conhecimento ancestral para acolher e recomeçar: “acho que é melhor esperar aqui mesmo, como tudo anda em círculos, mais cedo ou mais tarde, voltaremos ao ponto de partida” (SAAVEDRA, 2018, p. 262).

No instante em que se encontram, a avó questiona a neta sobre o seu verdadeiro nome, aquele que está na alma: “há um nome secreto, todos temos um nome secreto, que só deve ser pronunciado em ocasiões especiais” (SAAVEDRA, 2018, p. 232). Na tentativa de descobrir a identidade, o eu escondido de Maike, a avó é surpreendida com sua visão: “seu nome está enterrado dentro de um pote de barro, enterrado como um morto, que estranho, você está morta? (SAAVEDRA, 2018, p. 232). Nesta tentativa de ajudar Maike a descobrir o seu verdadeiro eu, avó sabia que o estrangeirismo, no sentido de não pertencimento que sempre esteve no espírito de Maike, se dava por ela não saber a própria história, não saber sua verdadeira origem e identidade: “Olhava nos meus olhos tentando entrar neles, sim, há uma dor tão grande, uma dor antiga, algo intenso como a morte, mas não é a morte, é outra coisa, é muito estranho, você não tem futuro nem passado, que espécie de espírito é você? (SAAVEDRA, 2018, p. 233).

A avó deu algo para Maike mastigar e logo em seguida cuspir, e neste instante a moça sentiu-se sonolenta e a avó disse: “é um bom sinal, os espíritos estão ao nosso lado, e você tem agora suas próprias armas” (SAAVEDRA, 2018, p. 234). Maike acordou no apartamento de Max. Ela não sabia, mas Max e ela representam a fita de moebius, eles são um só (SAAVEDRA, 2018, p. 236).

Aliás o próprio Max é isso, ele é o duplo de Maike, parecem personagens separados, mas no fim percebemos que são lados de uma fita de Moebius. Ou seja, são a mesma pessoa. Maike quando desperta está no apartamento de

Max, usa o mesmo roupão que ele usa, sob a mesa, o manuscrito de um romance.(SAAVEDRA, 2018, p. 3).

No romance, cada personagem possui um instrumento, uma “arma” para buscar o novo começo. Ana é o teatro; Maike representa o manuscrito de um romance e a avó tem a conexão com a vida do espírito, vivendo as coisas do indivíduo e as coisas da alma juntos, misturando lado de dentro com lado de fora, formando um só.

Logo este mundo passa, a vida do outro não acaba. Por causa de somente quatro tapuios hei de me perder para sempre! Meus amigos conhecidos morreram. Para onde suas almas foram? Eles apresaram tapuios também; deixaram-nos para seus parentes. Meus parentes, muitos são defuntos. Apresaram tapuios. Que encontram agora? Suas almas certamente se perderam. Todos os bens deste mundo, para que todos eles? Se minh'alma se perde, desaparece também o que foi meu. (SAAVEDRA, 2018, p. 268).

As personagens mostram-se marcadas por uma vida que contempla a maternidade e o novo começo, entrelaçados á trajetória excepcional de suas vidas, mostra um recomeço inesperado, que transpassa a carga de heranças do feminino e possibilita uma nova ação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como determinado no início verso sobre o tema a maternidade e o novo começo, de um lado, na perspectiva ficcional, está Carola Saavedra, com a obra *Com Armas Sonolentas* e do outro, numa abordagem filosófica, está Hannah Arendt, com a obra *A Condição Humana*. Constatei que Carola Saavedra traça um caminho com muitos significados, trazendo a ancestralidade, o presente e a condição social para os temas relacionados à maternidade. A escritora concebe uma história repleta de significações, de simbologias e mistérios que começam na própria escolha do título, que é um verso do poema “Primeiro Sonho”, de Sor Juana Inés de la Cruz, no qual a autora revela uma liberdade de pensar e conhecer. Trata-se, portanto, de um conhecimento que vai além da própria consciência, isto é, uma “viagem da alma”.

No transcorrer da história, entramos em contato com a vida das três personagens mulheres que perpassam a narrativa por meio de encontros e desencontros, chamando a atenção para a relação entre mãe e filha. E a partir do pensamento de Hannah Arendt, no capítulo “I”, da obra *A condição humana*, a formulação a respeito do novo começo.

Neste caminho materno repleto de um novo começo, que envolveu a história das personagens Anna, Maike, avó, e também, uma voz ancestral e espiritual que acompanhava esta avó, podemos entender que cada nascimento está atrelado ao lado de fora e ao lado de dentro, retratando ser um só, ser a voz interior e a voz exterior, as quais conduzem ao novo começo. Sendo assim, a nossa compreensão de vida está nas experiências vividas até este instante, um instante que pode ter resquícios de afetos, desafetos, ausências e traumas que vão além de uma compreensão considerada previsível. No entanto, estão gravadas nas palavras ditas e não ditas, nos pequenos abandonos do dia a dia, nas sucessivas violências do corpo concedidas para agradar ao outro. Nesse enredo, encontramos mulheres sem nome, que, por sua cor e classe, são escravizadas na aparente bondade dos patrões e dos seus filhos. Encontramos o medo que faz calar a voz do mulher e a voz mãe, histórias não contadas, mas que são sentidas e percebidas no intenso não pertencimento. A voz espírito ecoa como alento e proteção, e que muitas vezes vem com

pseudônimo e loucura. Portanto, o fato de nascer mulher, não a condiciona, ou não deveria condicionar, ao ato de maternar, pois toda mulher pode e deve decidir sobre o seu corpo, sobre querer ou não querer ser mãe, tratando-se, portanto, de uma decisão a ser respeitada e não julgada.

Nessa perspectiva, o novo começo está na possibilidade de agir, e o recomeço está sobretudo na ação matizada pelos afetos. A ação coloca a mulher no palco, dando a ela um recomeço, ação que a faz escrever um romance, ação que a coloca em contínuas conversas com algo fora de qualquer compreensão, mas que move a ação para que o outro reflita e consiga atingir ou dar visibilidade a sua fala, às questões femininas, às relações mãe e filha, e do sentir-se estrangeira ou estranha em um corpo mulher que não quer ser condicionado. Por isso, a literatura representa a ação, isto é, o recomeço, através dela podemos ouvir, dialogar e refletir sobre as questões do feminino, sobre o corpo, sobre a maternidade e sobre a relação mãe e filha. Desta forma, o recomeço devolve às mulheres a própria voz, a identidade, o poder de luta e a visibilidade até as questões femininas, incluindo a maternidade e seus questionamentos.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007;

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

FIGUEIREDO, Euridice. *A arte da Composição em Carola Saavedra*. Revista Ininga, vol. 5, número 2, 2018.

JARDIM, Luciana Abreu. **Literatura do íntimo**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2018.

_____. **A experiência da literatura desde a paixão materna**. Terceira Margem. 2018

_____. **Aspectos da maternidade no romance Com Armas Sonolentas, de Carola Saavedra**. Navegações I. PUC- Porto Alegre. V. 12, N. 1, P. 112-121, Jan.-Jun. 2018

_____. **Fragmentos de novos começos: notas sobre a temporalidade do corpo feminino em textos de Clarice Lispector e Conceição Evaristo**. Webinário Literaturas de Autoria Feminina. Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (NIELN). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Setembro de 2020.

KRISTEVA, Julia. **O gênio feminino: a vida a loucura e as palavras: Hannah Arendt**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1998.

SAAVEDRA, Carola. **Com armas sonolentas: um romance de formação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. 31 de agosto de 2018. Casa Bondelê FLIP 2018: **Bate-papo com Carola Saavedra, autora de Com armas sonolentas**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=bUZHbyrtxT4. Acesso em: 28 de outubro de 2020.

SOUZA, Paolla dos Santos. **Narrativas de mulher e a construção da maternidade no romance contemporâneo de Carola Saavedra**. VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP). Porto de Galinhas- Pernambuco, de 20 a 24 de agosto de 2019.